DE LITERATURA E GÔSTO LITERÁRIO

BRAGA MONTENEGRO

(Conferência pronunciada a 29 de Abril de 1956, na «Casa de Juvenal Galeno»).

Que é literatura ? Que é poesia ?

A pergunta não pode ser respondida sem prévia explicação quanto ao sentido e as intenções por que está sendo formulada. Antes de tudo, ela poderia sugerir, da parte de quem generosamente me ouve, uma série desencontrada de outras perguntas sôbre o tema da conversa que me proponho a sustentar, por alguns instantes, nesta casa de gloriosa tradição poética.

A palestra que Henriqueta Galeno me ordenara fazer, assunto de minha livre escolha, está batizada e confirmada com êste título meio vago e meio pretensioso: **De Literatura e Gôsto Literário.** Pois bem; eu de já esclareço que ao perguntar o significado de literatura, de poesia, quis recuar um pouco no tempo e aproveitar a lição de Aristóteles, que, no seu famoso tratado sôbre a «poética», nos deu as primeiras e memoráveis noções relativamente ao sempre novo e apaixonante problema da estética literária. Para o estagirita, o sentido específico de poesia era êste que moderna e comumente emprestamos à literatura. Sem embargo, tratadistas e estetas vêm desdobrando o sentido do fato literário em duas categorias principais, enquanto expressão de arte criadora: a poesia, pròpriamente dita, de que o continente formal e imediato é o verso ou a prosa ritmada, e cuja essência inspiradora, na estrutura dos gêneros, se representa numa gradação de três tempos fundamentais — o lírico, o épico e o dramático; e a ficção, que se exprime na prosa narrativa ou descritiva, e adquire caráter genérico pela fabulação e o romanesco, sem excluir, é evidente, os demais elementos do poema, isto é, o lirismo, a epopéia e o drama. E é porisso mesmo, porque a prosa de ficção não pode prescindir dos elementos essenciais do poema, que grandes críticos da atualidade, tais como René Wellek, C. K. Ogden, Austin Warren, I. A. Richards, F. R. Leavis, T. S. Eliot, Wolfgang Kayser e outros, principalmente o primeiro citado, tcheco radicado nos Estados Unidos, grande mestre de literatura com-

parada da Universidade de Yale, não fazem distinção entre os dois termos: poesia e literatura, portanto, no restrito domínio da arte da palavra, significam uma e a mesma coisa.

Não se trata aqui de objetivar o sentimento poético no esquema de uma definição. Em arte como em filosofia não existem critérios absolutos, portanto nada mais falso ou menos persuasivo do que a delimitação de conceitos ou fórmulas dialéticas em tôrno de um fenômeno que é, por assim dizer, o próprio substrato da vida. Da vida na sua representação ideal, na sua gratuidade plena, e que se não pode avaliar ou conceber senão por intermédio de imagens ou de símbolos.

Como nos seria possível demarcar dentro de um quadro, vamos dizer estatístico, a beleza sujacente de um grande poema ou de um grande romance ? Isto, entretanto, não quer dizer que eu pretenda negar ao poema ou ao romance conteúdo estatístico, pois sei que uma peça artística terá obrigatòriamente tôdas as dimensões, e nada mais parvo nem mais desacertado do que a intolerância formal em face de uma obra literária. Ou ela terá conteúdo poético e humano ou não será literatura. Que o verso tenha métrica e rima, ou seja branco e apenas ritmado; que a urdidura da prosa seja da melhor tradição clássica ou se inspire diretamente na prosódia e na sintaxe da linguagem popular, nada disto terá importância fundamental para a expressão da obra literária.

A forma, por si só, não garante a perenidade de um poema. É a emoção, a «emoção criadora», como nos ensina Bergson, que há de fazê-lo eterno.

Não desconheço nem nego a inevitável influência da palavra sôbre o pensamento, embora a razão natural me ensine que é o pensamento que deve comandar as palavras. Em arte, entretanto, essa transposição é não só permitida, mas se impõe de modo admirável. Quantas vêzes a significação de um grupo de palavras ou mesmo a simples eufonia de uma só palavra nos inspira a idéia criadora, porque sugere, na sua essência musical ou no seu contágio humano, a expressão daquilo que tínhamos dentro de nós ainda informe e obscuro ! Quantas vêzes a idéia se agita dentro de nossa mente, persiste e morre, por míngua da palavra reveladora !

Certamente assim pensando Walt Whitman afirmaria: «Tôdas as palavras são espirituais, nada é mais espiritual do que as palavras.»

(Por oportuno, lembrarei aos que me ouvem o livro magistral de Ogden and Richards, **The Meaning of Meaning,** talvez o maior tratado sôbre a ciência do simbolismo, dos que se fizeram nos úl-

timos cinqüenta anos, justamente de onde estou retirando as palavras de Whitman.)

Ratificando. De modo nenhum pretendo negar a importância da linguagem, principalmente da linguagem perfeita, na expressão da obra literária. Não fosse eu um manuseador constante das páginas de Herculano, de Garret, de Fialho ou Eça de Queirós, e ainda de Machada de Assis e deste sertanejo de estilo sêco e arquitetural que é Graciliano Ramos. Negar a influência da linguagem sôbre o pensamento é o mesmo que tentar proscrever o símbolo da verdade poética. E no domínio literário, a linguagem de minha preferência é aquela que se inspira nas fontes eruditas e requintadas da arte tradicional. O meu espírito, conquanto admire as fórmulas populares ou folclóricas, naquilo que nelas há de puro e ingenuo, como no caso da poesia do patrono desta casa, é sempre com um sentimento maior de curiosidade que de apreço que as admite na sua convivência emocional.

Muita gente me tem perguntado se eu gosto de «poesia futurista», e eu fico sem saber o que essas pessoas entendem por «poesia futurista». Outros me inquirem sôbre pintura moderna ou sôbre se eu acho o romance de Proust ou de Huxley muito complicado. E isto só faz aumentar as minhas perplexidades. A impressão que me fica é esta de que essas pessoas — algumas até muito bem enfronhadas no assunto de livros, de arte, de didática, homens de imprensa, professores, doutores — têm uma noção muito restrita do que seja o fato literário. Apegam-se em demasia à narrativa inspirada nos padrões naturalistas, à simples reprodução, fotográfica da realidade sensível, ou se afeiçôam ao versinho prosaico bem medido na técnica do **Tratado de Versificação** de Olavo Bilac e Guimaraens Passos, com muitas imagens exaustas e termos de gôsto equívoco, e nada mais admitem além dêsses fáceis modêlos.

Ora, eu sei que não haverá beleza sem harmonia de curvas, sem equilibrio de linhas, sem ritmo, mas sei igualmente que a beleza não é só o que é lindo, o que é suave e maviоso. O belo está, ao mesmo tempo, na amenidade de um campo de sertão nordestino, no mês de maio ao declinar das chuvas (recordam-se do romance de José Américo: «A relva estava tão florida que os animais comiam flôres» ?), e no terrível dos elementos em fúria de destruição e morte ; está no lirismo sensual de uma estrofe de Shelley e nas extravagâncias noturnas de um terceto de Dante; está no palpitar humano e medido dos mármores helênicos e nas deformidades de uma tela de Van-Gogh ou de um painel de Portinari.

O que não me será permitido, enquanto esteta, enquanto homem dotado de sensibilidade, é o que eu chamaria de particularismo li-

terário ou artístico, que só admite a beleza dentro de certos cânones, de certa inspiração formal. Ou minha percepção artística não terá fronteiras ou eu serei um limitado escravo de escolas, um hedonista cuja emoção estará sòmente dentro da linha clássica, ou da linha parnasiana, ou da linha moderna, que tudo isto é preconceito e curteza de imaginação e gôsto.

Não foi certamente na estreiteza dessa bitola de conceito e preferência que Montaigne afirmaria ser a «beleza uma promessa de felicidade.» E para que essa promessa se torne realidade é preciso que nos façamos dignos da mensagem de arte, de «emoção criadora», que trazemos cada um dentro de nós. (É certo que não aludo aqui aos espíritos tangíveis, materializados, para os quais a única filosofia de vida tem por escopo um pragmatismo feroz, inumano, interesseiro; não aludo àqueles para os quais não foi pregado o sermão da montanha. Dirijo-me tão sòmente aos meus irmãos, àqueles em cujo espírito existe uma centelha de Deus.)

A poesia, a literatura de modo geral, exige de nós uma predisposição muito forte, uma entrega absoluta, uma verdadeira ascese espiritual, uma intimidade sem restrição com tudo aquilo que esteja, estreita ou remotamente, ligado aos valores permanentes da inteligência e da sensibilidade humanas.

Não particularizo. Neste rol pretendo incluir não só os poetas e os prosadores, mas também o leitor inteligente, aquêle para o qual o livro é uma necessidade cotidiana, um alimento tão indispensável quanto os que lhe são servidos todos os dias ao almôço e ao jantar. O leitor dessa categoria é igualmente um poeta, pois, segundo Emerson, é preciso ser também um criador para ler com proveito uma obra de arte.

Como os senhores observam, eu ainda não respondi, de modo categórico, à pergunta inicial e nem intentarei fazê-lo senão pelo enunciado desta palestra. Pretendo que as minhas palavras, de modo extenso e fragmentário, possam dar a quem me ouve uma noção do que seja realmente poesia ou arte literária. Entretanto o meu prestimoso e estimado Larousse vos definiria a poesia nos termos que a seguir transcrevo, para edificação de todos nós:

«Arte de evocar e de sugerir, pela união íntima dos sons, dos ritmos, das harmonias, das côres, com a imaginação, o coração»... (o coração inclusive!)... «e o espírito, as sensações, as impressões, as emoções mais vivas.»

Muito de propósito salientei o papel do coração como eixo de todo o sentimento criador, para provar que estou bem acompanhado

quando afirmo não haver poesia, não haver literatura, sem absoluta entrega, sem absoluta ascese espiritual. Tudo o que escrevemos terá de ser extraído das profundidades do ser, do contrário não será autêntico. Para isto é necessário ao artista uma vida de recolhimento e de afeição muito sincera ao material de sua arte. Ilustrarei estas minhas afirmativas com duas breves citações. Na primeira mencionarei a Thomas Merton, o admirável autor de **A Montanha dos Sete Patamares**, hoje «sob o signo de Jonas», no mosteiro cisterciense do Getsemani. Êste monge, que para muitos é tido como uma réplica moderna de Santo Agostinho, registra no seu excelente diário da trapa, a 20 de maio de 1947, esta verdade sob tôdos os aspectos definitiva: «O artista deve ser livre. De outra maneira será dominado por seu material em vez de dominá-lo. É por isso que a arte exige ascetismo.» Em segundo lugar invocarei um poeta inglês, dos maiores dos grandes poetas inglêses, Keats, o qual escreveu certa vez que o coração é uma espécie de um abecedário do espírito, e não só um abecedário mas tambem «e uma bíblia do espírito, é o texto em que o espírito ou a inteligência extrai a sua identidade.»

Mas, aludindo ainda ao Larousse, não pensem os senhores que me satisfaz plenamente a definição do dicionarista. Tenho para mim que essa coisa de mensurar quantidades ou qualidades que se não comportam dentro de fórmulas ou medidas de capacidade e extensão, é tarefa tão ingrata como aquela de conduzir água em cêsto. A literatura de nenhum modo pode ser avaliada senão à luz de métodos críticos de intuição, preferência e comparação, e exige da parte do estudioso muita humildade e abnegação para reproduzí-la ou simplesmente tratá-la nas suas formas ou correntes estéticas. De qualquer modo, a seara dos grandes mestres da literatura, mesmo daqueles restritos à nossa realidade nacional, não pode ser fàcilmente demarcada nos estreitos limites de uma definição, pois, na sua essência, se de um lado é confinante com as fugitivas manifestações do humano, de outro lado, nas alturas ou nos abismos subterrâneos, atinge as fronteiras do absoluto.

Quem de nós poderia definir a vida nos seus absurdos, nas suas sublimidades nas suas incoerências e grandezas? Pois a literatura é a imagem mais perfeita e admirável da vida. Sem vida não poderia existir literatura; não só a vida trivial e agônica da superfície, mas também e principalmente a vida dos escaninhos do ser, a vida muitas vêzes irrevelada das profundidades noturnas. Charles Du Bos, já dissera, numa página admirável de sabedoria e penetração estética, que a vida e a literatura estão estreitamente ligadas uma à outra «e se a literatura deve à vida o seu conteúdo, a vida deve à literatura a sua sobrevivência»...

Já agora — observo — estamos, insensìvelmente, frente a uma nova face do problema literário: o da sua importância histórica, isto é, o papel social, político e humano da literatura na civilização. É óbvio que não pretendo, no breve curso desta palestra, fazer uma síntese estética ou filosófica, de todos os aspectos por que se nos apresenta o fenômeno literário, na sua poliédrica e inteiriça significação. Para isto eu teria (ou qualquer outro em meu lugar) de escrever, tal como já se fizeram, sem estancar jamais o filão riquíssimo de temas, conceitos e planos que o assunto comporta, algumas dezenas de volumes, e isto tudo sem a mais leve pretensão de exgotá-lo.

Contudo, esta desalinhavada conversa redundaria ainda mais dissonante e incompleta se eu não aludisse, mesmo perfunctòriamente, à importância da literatura ao lado das atividades humanas, importância tanto maior e que mais se acentua quando a civilização progride; e ainda mesmo quando ela chega, como agora, a um processo de decadência de tal modo patente, que nos angustia e atordoa.

(Refiro-me à decadência de um período histórico, diga-se de passagem: àquele que teve início com o racionalismo do século XVIII, fêz a Enciclopédia, o Iluminismo, criou a inciativa privada, assistiu ao advento da máquina, deu-nos as obras-primas do romance com Tolstoi, Dostoievski Dickens, Meredith, George Eliot, Henry James, Balzac, Flaubert, possibilitou o Capitalismo e a Emprêsa capitalista, e cujo ciclo agora se encerra com a recrudescência do individualismo, a carência de fundamento ético na base das instituições jurídicas, o desnivelamento da economia na estrutura das classes sociais e, por fim, o delírio de casta, a inumanidade dos processos capitalistas criando o fascismo, o comunismo, as guerras imperialistas, as lutas de classe, preparando assim a sua própria ruína e o seu fim conseqüente.)

Mas voltemos ao nosso assunto específico. Dentro dos planos de cultura, das investigações e realizações do espírito humano, a literatura adquire importância fundamental. Ela pode ser colocada no mesmo pedestal em que se colocam tôdas as demais matérias que enchem as páginas dos livros e enriquecem as bibliotecas para a serventia e gáudio da inteligência do homem. Ao lado das ciências naturais, da filosofia, da economia política, das matemáticas, da astronomia, do direito, da sociologia, dos sistemas religiosos, da própria ciência histórica em cujas leis não se resumem todos os fatos da vida humana, a literatura tem função preponderante, quiçá com maior relêvo, pelo conteúdo de eternidade que sugere e impõe.

A verdade natural é restrita à ordem dos fenômenos; a verdade histórica ladeará forçosamente os caminhos políticos do homem

sôbre a terra; a verdade filosófica é a procura incessante das origens e do destino do homem, à luz de sistemas morais, científicos ou religiosos. Tôdas essas verdades são relativas e variam segundo critérios de tempo, espaço ou ângulo de observação. Sòmente a verdade literária, a verdade poética, é una e absoluta, porque se funda na própria grandeza do homem, nas suas complexidades existenciais; nos seus sonhos e na sua lucidez sublinhada de equívocos; nos seus êxtases e nas suas misérias; nas suas quedas aos infernos, nos seus espasmos demoníacos e nas suas transfigurações para a santidade. A verdade poética é uma verdade total, porque é a verdade do símbolo e a verdade do mistério; é a verdade suprarealista do sonho e, ao mesmo tempo, do raciocínio lógico nas suas últimas conseqüências. E no espaço dessas verdades, as misérias da terra e os fenômenos de Deus não encontram fronteiras.

Todos nós acreditamos na história, tanto na sua cronologia quanto na sua ciência de registro e de crítica dos fatos humanos, e ainda nas disciplinas correlatas que nos ajudam a compreensão dêsses fatos — na antropologia, na sociologia — todos nós acreditamos nesse conjunto de teorias, que formam o relato dos acontecimentos da vida e o perpassar das civilizações sôbre a terra, um acervo de verdades inamovíveis embora sujeitas a retificações acidentais e que não lhes alteram a estrutura fundamental. Pois bem, a literatura, aquilo a que chamamos poesia ou ficção, é muitas vêzes mais verdadeira do que a história, com tôda a sua ciência positiva ou hipotética, de qualquer modo baseada em positivos documentos, desde aquêles gravados nos rochedos em caractéres hieroglíficos e esotéricos, até os registrados nos papiros e nos palimpsestos; desde os que foram caligrafadas pelos monges escribas à sombra dos conventos medievais, até os incunábulos da era das descobertas e das navegações ibéricas; desde o nascimento da imprensa, até a hipérbole das rotativas modernas.

E eu não vos afirmo essa realidade medonha por minha livre recreação, pelos delírios de minha inteligência ou pela exarcebação dos meus sentidos. Quem vos diz o que eu acabo de expôr é Aristóteles :. . . «a ficção é mais verdadeira e mais filosófica do que a história.»

Um grande historiador moderno, o inglês Arnold Toynbee, afirma que «a linha divisória entre o fato real e a ficção é deixada por precisar» e que, «tal como o drama e a novela, a história nasceu da mitologia.» Para êle «tôdas as histórias se assemelham à **Ilíada**, sob o ponto de vista de não poderem dispensar inteiramente o elemento fictício.» Quem quer que inicie a leitura da **Ilíada** na suposição de que o seu conteúdo está fundamentado na história, acabará

por verificar que o seu texto regurgita de ficção; mas, do mesmo modo, quem quer que comece a sua leitura como obra de ficção, observará fatalmente que as suas páginas transbordam de história. É a lição que nos dá Arnold Toynbee.

Nesta ordem de idéias, eu conversaria com os que me ouvem, se os que me ouvem fôssem porventura dotados de paciência superlativa, até o dia amanhecer.

Forçoso é resumir-me, mesmo em prejuízo da clareza de minha exposição. O assunto é transbordante e muita vez escapa às sínteses do meu pensamento. Desculpai.

Ainda algumas palavras sôbre a importância da literatura, como disciplína subsidiária dos acontecimentos do espírito e da memória dos atos humanos.

Certamente a maioria dos que me assistem nesta batalha de idéias leu os romances de Dostoievski. Es os que leram essa obra imensa não deixaram de obervar, como eu observei e como foi antes observado, em primeira mão, por êsse crítico sensível e arguto que foi Araripe Júnior, não deixaram de observar o dom divinatório do romancista em antecipar na sua arte a própria história do século XX. Num ensaio que escreví e que hoje se encontra na «Província de São Pedro», número 17, quando da morte de André Gide, no confronto que pretendi fazer entre êsse admirável espírito francês e o gigante russo, eu registrei: «O gênio de Dostoievski antecipou a crise do mundo moderno, pressentiu a realização de tremendas profecias, cujos efeitos dolorosamente experimentamos; a nossa angústia se confunde com a revolta atéia, a dúvida metafísica, os aviltamentos e as sublimidades, a miséria e a redenção, dos seres que compõem a sua estranha humanidade. As nossas dúvidas ancoram no racionalismo dissorante que levou Kirilov ao suícidio, e as nossas decepções ecôam na mesma atmosfera em que Alioscha viu putrefazer-se o corpo do **staretz** Zosima. O panteísmo sensual de Maria Lebedkine penetra-nos até a medula, ao mesmo passo que os problemas coletivista de Chatov nos preocupam e absorvem. Por tôda a parte, em tôdas as circunstâncias, pressentimos as nossas afinidades com a atropodicéia dostoievskiana.»

Agora eu vos pergunto: onde está a maior verdade russa — nas violências e predestinações de Ivan IV, o terrível; na sabedoria e despautérios de Catarina II, a grande, a amiga de Voltaire e de Diderot; na espada dos generais que venceram a Napoleão e venceram a Hitler, ontem em Borodino, hoje em Stalinigrado; no sacrifício dos Romanoff; no idealismo selvagem dos homens que fizeram a maior das revoluções? Onde está a maior verdade russa —

no calor transbordante dessas realidades históricas ou nas páginas de Tolstoi, de Dostoievski, de Tchecov ou de Turgueniev ? A memória das guerras napoleônicas teria chegado até nós, em tôda a inteireza de seu drama, se não fôsse o romanesco, a narrativa genial de **Guerra e Paz** ? O mundo grego viveria conosco, seria, por assim dizer nosso contemporâneo, sem o poema dramático de Ésquilo, Sófocles ou Eurípedes ? Onde está a glória maior do povo inglês — no perfil da «unicn-jack» desfraldada à pôpa de uma frota gigantesca na superfície de todos os mares; na riqueza fabulosa de seu império, hoje espedaçado, em cujos territórios o sol jamais se punha, ou na perenidade de seu pensamento e de sua arte; no teatro formidável de Shakespeare, nos poemas de Byron, de Shelley, de Browning, de Yates, nos romances de Conrad, de Dickens, das Bronte ? Não será porventura o **Don Quixote** o símbolo vivo do povo espanhol e **A Divina Comédia** a glória mais extraordinária da Itália ? A epopéia de Fernão de Magalhães, de Vasco da Gama, e os sonhos alucinados de expansão portuguêsa que atravessavam os oceanos, que nasciam em Sagres e se faziam realidade nas terras da América, persistiriam na lembrança dos homens sem o genial poemas dos **Lusíadas** ? Que seria da França, do explendor de sua civilização, sem a grandeza de sua literatura; sem os romances de Stendhal, de Balzac, de Zola, de Proust, sem a poesia de Verlaine, de Baudelaire, e sem os contos de Maupassant ou Daudet ?

E para concluir esta série de interrogações que se respondem por si mesmas: o Ceará, o nosso Ceará, meus amigos, que vale êle entre os Estados da Federação quando em confronto com a riqueza imensa de São Paulo, de Minas, do Rio Grande do Sul, do potencial da Amazônia indevassada — pasto de flibusteiros, desde Orellana — e que um dia saciará a sêde e a fome do mundo inteiro ? O nosso Ceará, que vale êle ante essas imensidades ? Vale, acima de tudo, esta terra flagelada e querida, porque aqui nasceu, numa casinha de engenho em Mecejana, o bardo de **Iracema** — poema sem o qual os «verdes mares bravios» não existiriam. Suas ondas embalde se desfariam ao sopé das dunas — nós não as ouviríamos no sortilégio da sua beleza selvagem; o salmodiar do vento nos carnaubais das várzeas seria apenas um ruído brando nas manhãs amenas, ou um uivo de tristeza nas tardes cálidas — não embalaria os nossos corações de poesia e mistério. E o cearense, ao emigrar da terra, o que é a sua predestinação e o seu martírio, talvez jamais regressasse, não fôra o canto da jandaia no ôlho do coqueiro, que é o símbolo de nossa saudade e de nosso apêgo ao torrão natal. O Ceará vive, principalemente, pela glória de nossos romancistas, de nossos historiadores, de nossos poetas.

Eça de Queirós afirmou, certa vez, que «só um livro é capaz de

fazer a eternidade de um povo», e que «tudo é efêmero e ôco nas sociedades — sobretudo o que nelas mais nos deslumbra». Ninguém é capaz de «dizer quem fôram, no tempo de Shakespeare, os grandes banqueiros nem as formosas mulheres. . . quem eram os ministros do Império em 1856, quando Flaubert escrevia **Madame Bovary.**» E aproveitando uma sugestão de Alexandre Dumas Filho, como o Eça também a aproveitara, poderíamos perguntar : «quem compunha a magistratura de Florença, quem comandava os destinos de sua política, ao tempo em que Dante redigia **A Divina Comédia** ?»

Que mais desejareis para o enaltecimento da literatura enquanto atividade e necessidade do espírito humano ?

Meus senhores e minhas senhoras.

Nas minhas considerações preliminares, referi-me, de passagem, aos preconceitos que se levantam em tôrno do gôsto e das preferências literárias. Falei, se bem me recordo, dos equívocos formais e estéticos, de tão funestos resultados no julgamento da obra literária. E o prejuizo mais corrente é êsse mesmo de fazer da literatura uma serventia, por um lado, da expressão formal e da estilística; por outro lado, um adôrno à vida social. Daí as definições como esta de Afrânio Peixoto, segundo a qual a arte literária é «o sorriso da sociedade». Definição inspirada, por certo, nesta outra que um francês dos começos do século XIX achou por bem enunciar: «A literatura é a expressão da sociedade». A frase pegou e vem sendo citada a propósito de tudo e em tôdas as circunstâncias em que entra em causa a arte literária. Os compêndios que servem aos cursos de letras, desde os liceus até as faculdades de filosofia, os professores que ensinam nesses cursos, a consagraram e a citam indiscriminadamente, sem se lembrarem de que De Bonald era um sociológo e que via o problema sob o ângulo de sua ciência social.

Estetas como Croce, Kayser, Wellek, Auerbach, Fidelino de Figueiredo, Mendilow, Austin Warren, Matthiessen, se têm escusado a dar uma definição em epítome do fenômeno literário, contentando-se com estudá-lo à luz de diferentes conceitos e normas da vida mental e artística, não pròpriamente na categoria de ciência mas de uma disciplina estética.

Êsse tratamento racional e lógico tem sido sempre evitado pelos nossos professores de colégio, talvez porque as condições econômicas da vida brasileira não comportam especializações. Sòmente nos meios mais adiantados se vem ministrando o ensino da literatura em consonancia com os modernos processos estéticos. Processos que, em última análise, nada têm de modernos, pois Aristóteles já nos ensinava que a matéria poética não tem conexão

rigorosa com a moral nem com as conceituações biológicas ou genéticas do meio físico, da sociologia e da história, e que permanece restrita ao campo da estética e da lógica. Neste ponto, infelizmente, ainda estamos em pleno domínio do naturalismo do século XIX. Ensinamos história literária, ensinamos biografismo, ensinamos sociologia, ensinamos psicologia, mas da teoria literária nem a mínima noção. Contudo, a norma, aqui como em tôda parte, é o ensino da literatura como uma ciência anexa aos cursos da língua portuguêsa. O português (e de certo modo o francês, o inglês, o italiano, o espanhol, o latim e o grego), nos cursos de colégio e universitário, não servirá de meio para o ensino da literatura, mas a literatura será estudada com o objetivo, a finalidade exclusiva, do aprendizado da língua.

(Relativamente ao ensino da literatura e ao conceito estético da crítica segundo a ordem de idéias que venho agitando durante o curso desta palestra, gostaria de recomendar a valiosa contribuição do prof. Afrânio Coutinho, nas **Correntes Cruzadas** e, de modo especial, no seu excelente opúsculo **Por uma Crítica Estética**, editado nos «Cadernos de Cultura», n. 70.)

Daí, dessa subordinação da literatura às exigências pedagógicas do estudo das línguas vivas ou mortas, nasce, indubitàvelmente, um dos preconceitos do gôsto literário, aquêle da filologia e que por fim degenera em gramatiquice e em caturrice formal. Daí vêm os estilos empolados, o ranço luso das fórmulas camilianas, a mania horrorosa de escrever difícil, de fazer reles literatura sob qualquer medida e assunto. Não há muito tempo, eu lia nesse livro tão bem escrito, dos mais bem escritos de todos os que já se escreveram no Brasil, eu lia em **A Minha Formação no Recife**, de Gilberto Amado, essa lição formidável e singela: «escrever difícil não é difícil».

Mas eu me referia, palavras antes, «ao ranço luso das fórmulas camilianas», e isto pode parecer animadiversão minha à obra do solitário de S. Miguel de Seide. De modo nenhum. Bem razão tinha Eça de Queirós quando dizia que os amigos de Camilo eram os primeiros a fazer o desprestígio do mestre. Numa carta que o autor de **Os Maias** escreveu ao genial novelista de **Amor de Perdição**, queixava-se da maneira pela qual Camilo interpretava a sua crítica oral aos ditos romances realistas que o autor de **Eusébio Macário** andava a compor. «Porque eu, escrevia o Eça, falando de V. Excia., considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de ver o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gôsto, a sua arte de composição, a sua fraqueza ou a fôrça de seu traço; e, pelo menos, admiro em V. Exa., o ardente satírico, neto de

Quevedo que põe ao serviço da sua apaixonada misantropia o mais quente o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, êsses, admiram apenas em V. Exa. sêcamente e pêcamente, o homem que em Portugal conhece mais termos do Dicionário!»

A eternidade de Camilo, meus senhores e minhas senhoras, não se deve, de modo nenhum, à riqueza estonteante de seu vocabuuário nem às pompas de sua linguagem, já hoje, em grande parte, obsoleta, mas justamente àquilo que Eça de Queirós admirava, ou seja a sua genialidade picaresca, a sua imaginação fertilíssima, a sua arte de criar vida e personagens vivos.

Isto que ora afirmo, não se baseia apenas na minha experiência de trinta anos de constante convivência com os textos literários, onde aprendi tôda a minha ciência, todo o meu reduzido saber das cousas da vida e da arte, porisso eu vos encaminharei a um livro em que até hoje melhor se estudou a personalidade e a obra do glorioso novelista português. Eu vos encaminharei à leitura da **Introdução ao Estudo da Novela Camiliana,** de Jacinto do Prado Coelho. Alí encontrareis o verdadeiro Camilo, desde o seu nascimento, ocorrido em meio às indiscreções e aos preconceitos da bastardia, e por tôda a sua vida marcada de rebeldias e paixões, e por tôda a sua obra inspirada em relâmpagos de gênio, até o gesto final de desespero em que, com um tiro, tomou passaporte voluntário para a eternidade.

Há poucos dias, em conversa com o contista Moreira Campos, êsse meu esclarecido amigo fazia o reparo de que não se recordava mais de uma só palavra das que compõem o **Amor de Perdição,** mas que tinha bem patente à memória todo aquêle vulcão de sentimentos, aquêle ranger de dentes, aquela violência de paixões desatadas, aquela decisão frenética que leva os amantes para além do mistério e da morte.

Mas os falsos amigos de Camilo se encarniçam a lhes catar as joias da linguagem, preciosas sem a menor dúvida, e lhe desprezam o romântico formidável, o criador de tantas obras-primas, o satiríco do qual nasceu o fidalgo de Agra de Freimas, êsse Calisto Eloi, que é bem o retrato do politico moderno, dêsses que fazem atualmente essa engraçada República do Brasil. Os amigos da espécie denunciada pelo Eça, por assim dizer, não lêem o romance camiliano, senão andam a lhe colecionar os termos inusitados, as locuções e expressões raras, e a se escandalizarem quando o romancista escreve «...que eu despeço-me...» e a explicarem, numa fúria de gramatiquinho de cartilha, que o **que**, relativo ou conjuntivo, em norma atrai o pronome oblíquo, e que êsse cochilo do

mestre cheira a brasileirismo da pior espécie; a explicarem que **açude** já foi escrito, em velhas páginas, pelo étimo do espanhol, com a final, **açuda**; a ensinarem que à **bofé** é corruptela de **a boa fé**, e que isso vem do latim **bona fide**. O que eu nunca vi citado por essa espécie de camilianos foi um trecho como êste que a seguir transcrevo, pela sua idéia, pelo seu conteúdo de observação e síntese. Vejamos o que diz, ao tempo em que era anjo, o fidalgo da Agra, relativamente à política e aos costumes de seu Portugal pre-republicano. Está na **Queda dum Anjo** (Organização Simões, Editôra, p. 50): «O que eu vejo ? Quer o ilustre deputado saber o que eu vejo ? É a indústria agrícola de Portugal devorada pelas fábricas do estrangeiro ; é o braço do artífice nacional alugado à escravidão do Brasil, porque a Pátria não lhe dá fábricas; é o funcionáário público prevaricador, corrupto e ladrão, porque os ordenados não lhe abastam ao luxo em que se desbarata; é o julgador dos vícios e crimes sociais transigindo com os criminosos ricos, para poder correr parelhas com êles em regalias; é a mulher de baixa condição prostituída, para realçar pelos ornatos sua beleza; é a aluvião de homens inábeis, que rompe contra os reposteiros das secretarias pedindo empregos, e conjurando nas revoluções, se lhes não dão.»

O que faz a atualidade de Camilo são trechos como êste; é a propriedade da paleta em que misturou as tintas com que devia traçar, em corpo inteiro, o retrato da **Brasileira de Prazins**; são os ácidos e as placas em que gravou os ambientes e os tipos da água-forte que é **O Romance de um Homem Rico.** Quem não vê nessas poucas linhas que acabei de ler, não só o retrato fiel do Portugal daquela época, mas também, a imagem política do Brasil de nosso tempo ? E é justamente neste ponto onde está a grandeza de uma obra. É aquí onde a literatura encontra a sua maior expressão de vida.

Todos nós, mais ou menos afeitos ao convívio dos livros, temos um círculo de relações invisível e onipresente e que carregamos pela existência inteira. São seres que enchem as nossas solidões e as nossas vigílias e até, de certo modo, as nossas horas vazias de desencanto. São criaturas muito vivas, às vêzes requintadas, às vêzes ridículas, às vêzes sublimes, às vêzes desgraçadas. E porisso divertem-nos com o seu grotesco e com as suas mesquinhezas e crueldades; edificam-nos com os seus heroísmos e a sua santidade; humilham-nos com a sua sabedoria, as suas paixões e a sua desamparada loucura.

Que humanidade é essa a que aludís e dizeis ser de vossa intimidade, de vosso diuturno conhecimento ? Perguntar-nos-ão, de certo, aquêles mais desavisados, aquêles cuja solidão é mais trágica, cujo universo se confina ao alcance da própria visão material e contingente.

Neste caso, inútil seria a nossa resposta. De que valia a apresentação de nossos amigos a essa gente tão ocupada, tão absorvida em assuntos importantes ?

Se eu, porventura, me apresentasse a um dêsses cavalheiros de grandes negócios, de preocupações muito sérias, terrìvelmente solicitados pela política, pelo «café-society» e lhe apontasse os de minha convivência moral e lírica... Já imaginaram isto ? Eu lhe diria, por exemplo: — Êste é Orestes. Já foi rei, e dizem-se dêle coisas terríveis. Vingando a morte do pai, matou a própria mãe. Contudo o seu remorso foi tremendo: sensibilizou até os deuses. Esta a Electra, sua irmã e cúmplice na morte de Clytemnestra e de Egisto. Casou-se com Pylades. A outra é Antígona. Alma feita para o amor desinteressado. Heróica e abnegada, cometeu o desaire de sobrepor a piedade fraterna ao respeito à vontade soberana do rei. Por isso Creonte condenou-a ao sepultamento. Os deuses vingativos submeteram o tirano a terrível expiação. Há dois mil e quinhentos anos nasceram essas criaturas e ainda vivem em plena juventude; e gloriosamente jovens se manteriam, ainda não fôssem as suas maravilhosas reincarnações em Alfieri, em Voltaire, em Eugene O'Neill, em Anouilh. Aquêle velho com a boca repleta de imprecações, aquêle homem desesperado e que se lamenta em uivos e em prantos, é uma vítima da ingratidão. Enquanto o mundo existir ouviremos o éco dessa consternação e dêsse arrependimento; conservaremos em nossa memória a imagem do pobre rei Lear esfarrapado e louco, perdido dentro da tempestade e dentro da noite. Êste outro é Mischkin; um príncipe. Conheci-o certa noite enquanto viajávamos num trem de Varsóvia para São Petersburgo. Dizem-no idiota. Eu não encontrei nêle, até agora, senão grandeza de alma, desprendimento e santidade. Aquela moça tão linda que ali vê, é Natanha. Romain Rolland considera-a a mulher mais humana e mais extraordiária de tôdas as de sua casta. Um dia dêstes, a guerra terminou; Napoleão agora está prisioneiro dos inglêses. Natacha vai casar Pedro Bezukov. Pedro é aquêle rapaz estouvado que certa noite foi visto, no vestíbulo de uma casa de cerimônia, durante uma festa, e se abanar com o chapéu de arminho de um Almirante. Apresentarei ao senhor, agora, aquêle cavalheiro grave, de ampla calva, colarinho alto e **pince-nez** cativo da botoeira por uma fita negra; é um personagem importante — as plataformas dos políticos e as páginas dos medalhões estão recheadas com suas sentenças, as suas opiniões e idéias. Trata-se de S. Exa. o Sr. Conselheiro Acácio. O magricela muito elegante, de monóculo entalado ao canto do ôlho e que está perto dêle, é um pródigo; sujeito perigoso pelo sarcasmo e pela ironia. Chama-se João da Ega. Fantasiou-se, certa vez, de mefistófeles, muito negro e muito vermelho, e foi escorraçado pelo

dono da casa e da festa, porque lhe queria conquistar a espôsa. Muito desgostoso pelo escândalo, tomou um pileque e se pôs a chamar Darwin de besta. O homem lá distante, o do cachorro, é um excêntrico. Pretende ter descoberto um sistema filosófico: o humanitismo. Chama-se Rubião, e ao cachorro de Quincas Borba. A moça dos olhos de ressaca ?...

Não é preciso ir mais adiante. Ademais eu não teria tempo nem o direito de prosseguir na apresentação de personagens tão conhecidas de todos vós. Tentei dar-vos, com êsses exemplos, o testemunho de como uma literatura não poderá sobreviver sòmente com os esplendores de sua linguagem. O que importa não é o lirismo das palavras, mas o lirismo das idéias. Romeu e Julieta teriam, há muito tempo, morrido de pieguice se os seus diálogos de amor fossem simplesmente páginas de estilo e não contivessem o sôpro intenso de humanidade que os anima e os transporta para além das idades, para além da morte, sempre atuais e contemporâneos de tôdas as épocas. O Quixote é grande porque ressurge cada dia dentro de nós mesmos, porque se retrata nas pessôas e nos fatos de nosso universo cotidiano. Porque a cada passo o encontramos pelos caminhos da vida, desarvorado, com o seu rocinante, a sua lança, o seu elmo, muitas vêzes solitário, a investir contra os moínhos de vento da protérvia, da contrafação e do mêdo — imagem viva da idealidade a se multiplicar por tôda a terra, a reprovar aquilo que na sua concepção ontológica, na sua moral, considera desacertado e a que ninguém empresta maior importância, tal como eu neste momento o faço, eu que sou magro, e desamparado, e lírico, e que, por isso mesmo, acredito na literatura, na poesia, como a expressão mais alta, mais legítima, mais admirável da inteligência humana.